

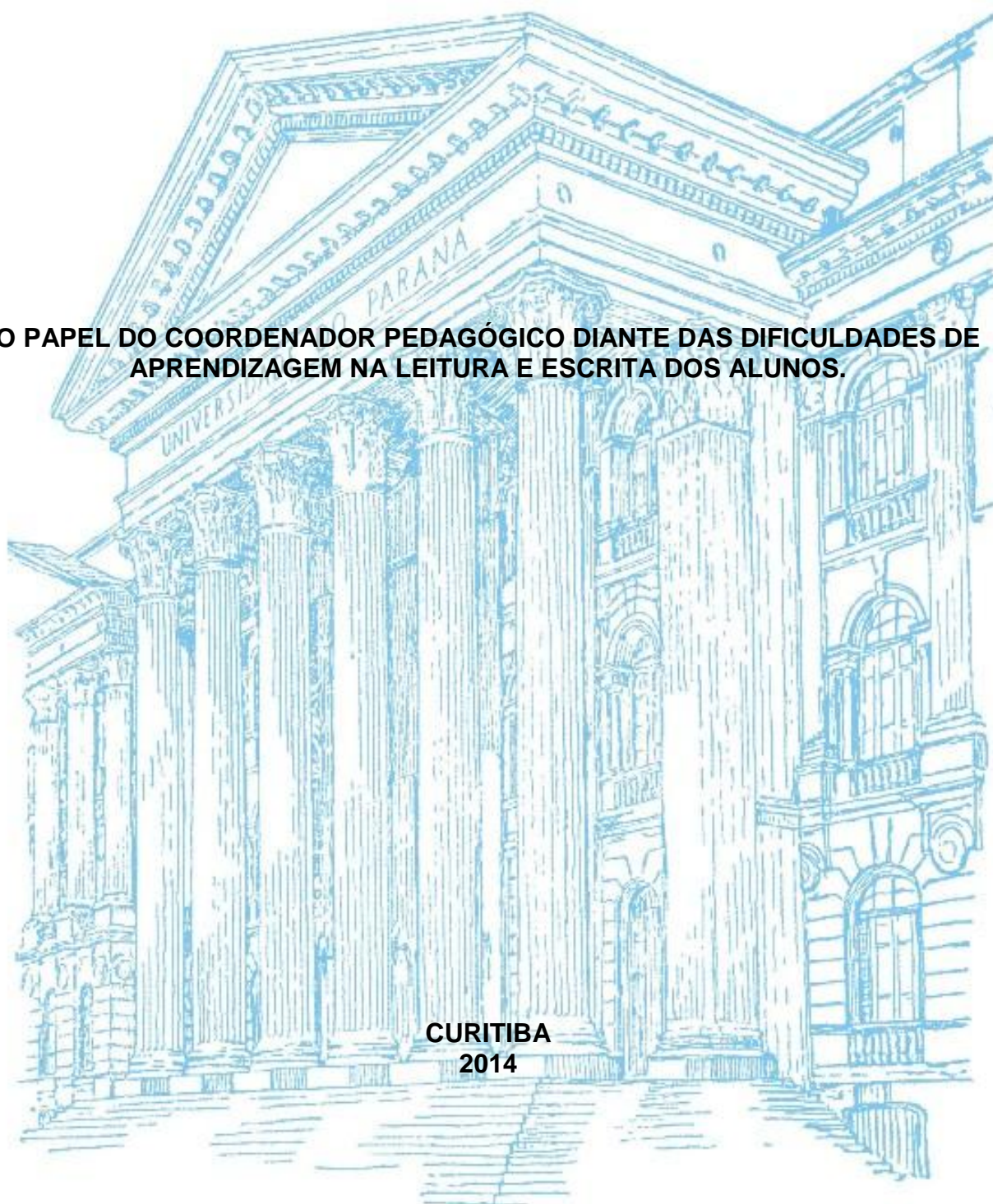
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MARINETE APARECIDA DE SOUZA

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DAS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS.**

**CURITIBA
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

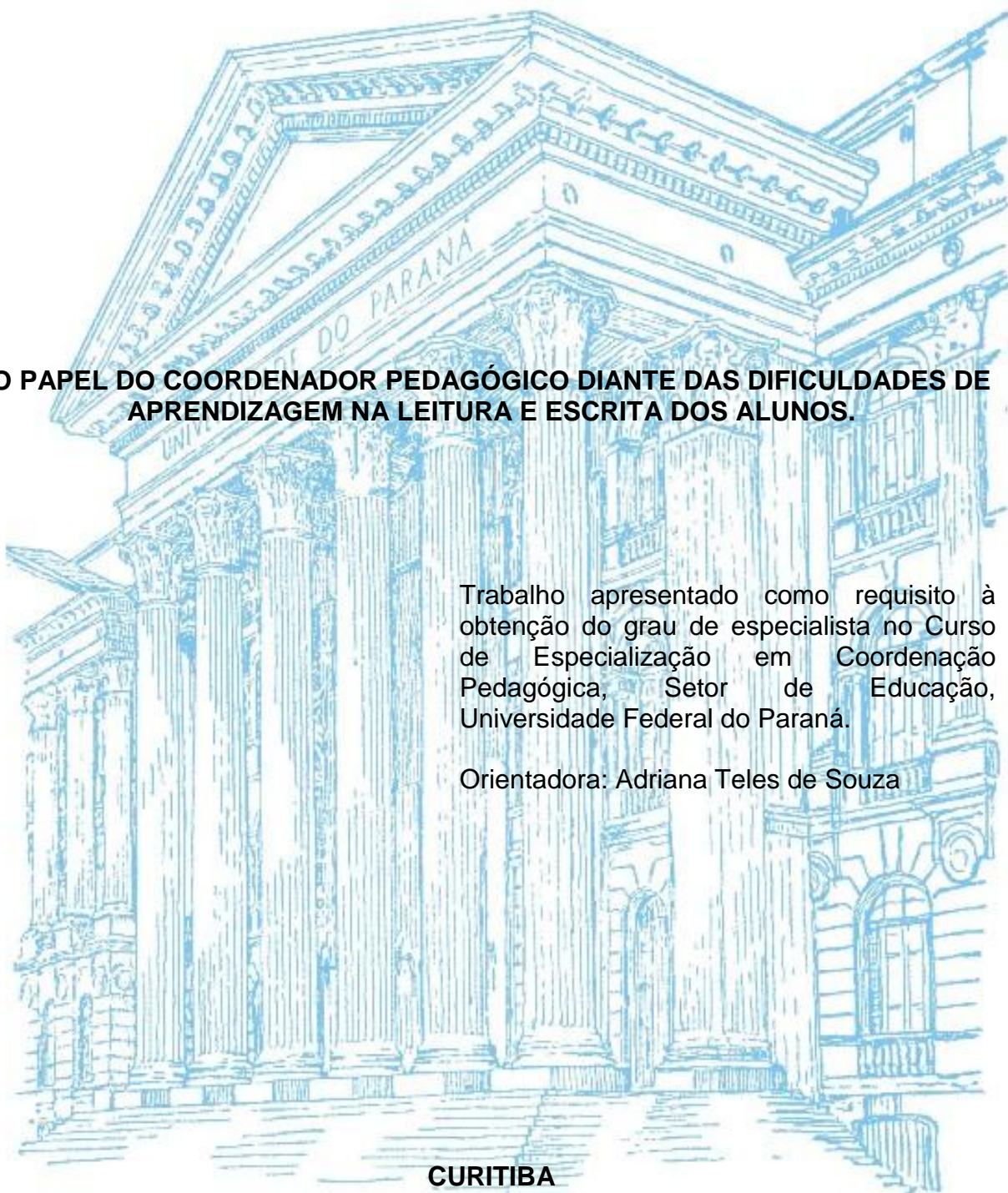
MARINETE APARECIDA DE SOUZA

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS.

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Adriana Teles de Souza

CURITIBA
2014



O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS.

Autora:¹ SOUZA, Marinete aparecida de.

Orientadora:² SOUZA, Adriana Teles de

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender o papel da Coordenação Pedagógica em analisar as dificuldades de aprendizagem diante das dificuldades de leitura e da escrita de alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental. O fracasso escolar é ainda um grande desafio. As dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita são reconhecidas como uma das causas mais determinantes do baixo rendimento escolar. Neste sentido este trabalho aprofundou-se em pesquisas de autores como Piaget (1988) que utiliza os termos biológicos para explicar os processos cognitivos que ocorrem, considera importante para a construção do conhecimento o desenvolvimento orgânico, as experiências físicas e lógico-matemáticas e conseqüentemente sua adaptação ao meio social. Freire (1983) considera importante a relação dialética intrínsecas na educação, propõe a ação-reflexão como fonte para a conscientização e para a mudança social. Com base nessa ideia Marchesi e Martín, (1995); Pain, (1992); e Fonseca (1995) tem demonstrado que para a aprendizagem ocorrer é preciso que estejam presentes certas integridades básicas na criança e na presença de oportunidades adequadas. Para tanto este processo envolve mais do que apenas saber ler e escrever, é principalmente construir sentidos e significativos à aprendizagem. Podemos observar que no término do primeiro ano de alfabetização, algumas crianças que aparentemente aprenderam a dominar o código linguístico, falham à medida que passam de um ano letivo para o outro tanto nas atividades de leitura e escrita como também nas demais áreas do conhecimento, este trabalho foi baseando nos estudos e nas ideias dos autores bem como na observação e no dia a dia de alguns alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenador Pedagógico, Dificuldade de Aprendizagem, Leitura e Escrita.

INTRODUÇÃO

¹ Pedagoga Pós Graduada em Didática e Metodologia de Ensino atua na área de Coordenação Pedagógica da rede Municipal de Ensino.

² Mestra em Educação e Professora Pesquisadora do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

A dificuldade de aprendizagem tem sido vivenciada por educadores no ambiente escolar. Esta problemática afeta a aprendizagem na leitura e escrita que acontece com alunos que frequentam a escola e não consegue assimilar o processo, sendo uma das maiores preocupações aos educadores e ao coordenador pedagógico, pois na maioria das vezes não encontram solução adequada para ajudar a sanar esse problema. Entendemos que os alunos com dificuldade de aprendizagem são um desafio para todos os envolvidos no processo, isto é em matéria de diagnóstico na educação, entendemos que a forma de ensinar abrange a observação do aluno em todas as atividades direcionado a ele, sendo observada a maneira como brinca, fala e se relaciona com os outros alunos, às vezes a maior dificuldade no relacionamento entre educadores e alunos com dificuldade de aprendizagem seja a falta da visão global do ser humano, entender que o resultado do processo não é igual para todos.

Entendemos que o fracasso escolar é ainda um grande desafio nas escolas em geral. Notamos que alguns alunos das escolas públicas e particulares, apresentam baixo desempenho escolar em razão das suas dificuldades de aprendizagens no início da escolarização. As dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita são reconhecidas como uma das causas mais determinantes do baixo rendimento escolar. Baseados nestas necessidades identificou-se e comparou-se 5 alunos do 2ª e 3ª anos de uma Escola Municipal da cidade de Maringá no Paraná, alunos sem disfuncional idade, porém com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, comparados de outra criança que requer necessidades especiais educativas. Portanto os sujeitos da pesquisa são os 05 alunos, 04 professores e 01 coordenador Pedagógico.

Para tanto, a alfabetização como processo de aprendizagem da leitura e escrita, envolve mais do que apenas saber ler e escrever, é principalmente construir sentidos significativos à aprendizagem. Podemos observar que no término do primeiro ano de alfabetização, alguns alunos que aparentemente aprenderam a dominar o código linguístico, falham à medida que passam de um ano letivo para o outro tanto nas atividades de leitura e escrita como também nas demais áreas do conhecimento.

O tema dificuldades de aprendizagem é problematizado em inúmeras situações em que se discute o fracasso escolar e tem sido estudado a partir de

várias perspectivas, o que fez gerar inúmeros modelos explicativos e diferentes modos de concebê-lo. Portanto, foram selecionados materiais relacionados à dificuldade de aprendizagem, na leitura e escrita referente a estes 5 alunos tais como: Dificuldade de aprendizagem na escrita na leitura e escrita nas séries iniciais no ensino fundamental, porém, tais materiais não entraram nas análises dos dados, foram utilizados como subsídios para a compreensão das falas dos sujeitos pesquisados.

Após a observação do dia a dia dos cinco alunos da Escola Municipal em questão e refletindo sobre os acontecimentos nas salas de aula, na sala dos professores, nos momentos de planejamento com os professores. Nas relações entre a escola e as famílias, nas relações entre os profissionais da escola, podemos ter uma análise de um todo da escola.

Deste modo, os dados coletados foram dialogados com a teoria aplicada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de campo, a pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais compreende diferentes técnicas. Em sua maioria os estudos qualitativos são realizados nos locais de origem dos dados, o desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal – espacial de um determinado fenômeno por parte do pesquisador.

Quanto à pesquisa de campo, procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente. Objetivando compreender e explicar o problema pesquisado, afim de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade.

O instrumento de coleta dos dados foi através de uma entrevista semi-estruturada direcionada aos professores e de um questionário para os alunos em questão.

Deste modo, que mais chama a atenção no ato de ensinar é a preocupação com o aprendizado dos alunos, e o fato de no meio de tantos alunos ainda sim alguns não conseguem reter os conteúdos ensinados, estes alunos apresentam tantas dificuldades de aprendizagem, tanto na produção quanto na interpretação da escrita, percebemos que além dos que iniciam os estudos conosco também recebemos alunos transferidos de outras escolas com essas dificuldades.

Diante dessas observações elencamos aqui algumas questões relacionadas à dificuldade de aprendizagem e os desafios que o coordenador enfrenta tais como, invariância e mudança; harmonia e conflito, ao passo que nenhum grupo sobrevive submetido a conflitos permanentes, nem tão pouco cresce sobre constante harmonia, é com essa diversidade que o Coordenador Pedagógico se defronta e tem que trabalhar.

Já com os pais o grande desafio é criar canais de comunicação e convencê-los de que devem participar do processo educacional de seus filhos, em parceria com a escola. Há ainda as pressões de instâncias superiores, e a carga de trabalho burocrático, que ocupa quase todo o seu tempo que deveria ser dedicado às funções pedagógicas.

Para tanto os **objetivos específicos** pesquisados dizem respeito: O que é dificuldade de aprendizagem? Porque a criança não aprende determinados conteúdos? As causas da dificuldade de aprendizagem. A **hipótese** levantada diz respeito ao papel da coordenação pedagógica, ou seja, a descaracterização da sua função reflete diretamente nas possibilidades de encaminhamentos pedagógicos.

Assim, identifica-se que a aprendizagem está ligada a prática docente, não sendo um problema individual somente do aluno, ou do professor, mas do coletivo escolar. Para tanto a hipótese levantada é a de que a partir das definições do papel do coordenador pedagógico diante do fazer pedagógico é possível uma relevante mudança e tomada de consciência das implicações referentes às dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, o **objetivo** deste estudo é entender o papel da coordenação Pedagógica em analisar as dificuldades de aprendizagem dos alunos existente na escola, a aquisição da leitura e a escrita de alguns alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental. Diante do fato de que convivemos ao mesmo tempo com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e com os questionamentos dos professores de como melhorar a própria prática de prevenir o fracasso escolar. No primeiro momento detectamos a dificuldade de aprendizagem desses alunos no segundo momento analisamos a prática docente e as suas dificuldades em relação a estes alunos e o papel do coordenador pedagógico.

1 OS DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PRÁTICA DOCENTE FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Entre alguns desafios que o coordenador pedagógico enfrenta na escola podemos citar a dificuldade de aprendizagem de alguns alunos, após analisar várias situações abordando o dia a dia na qual há fundamentação teórica sobre aprendizagem, e a prática pedagógica de alguns educadores. Desta forma autores afirmam que os educadores necessitam serem conhecedores das teorias que norteiam sua prática especificamente sobre as questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Assim, Piaget (1988) e Freire (1983) de modos diferentes explicam que o processo de aprendizagem em sua essência é a mesma. Segundo Piaget (1988) que utiliza os termos biológicos para explicar os processos cognitivos que ocorrem, considera importante para a construção do conhecimento o desenvolvimento orgânico, as experiências físicas e lógico-matemáticas e consequentemente sua adaptação ao meio social. Em suma, a atividade, a ação é que nortearão o processo de ensino aprendizagem. Freire (1983) considera importante a relação dialética intrínsecas na educação, propõe a ação-reflexão como fonte para a conscientização e para a mudança social.

É notório que a dificuldade de aprendizagem tem sido algo de preocupação ao coordenador pedagógico, esta reflexão nos leva a pensar como enfrentar estes desafios. De acordo com FONSECA (1999) as dificuldades de aprendizagem acadêmica, tem sido investigado por profissionais de diferentes áreas e, com isso, o campo das dificuldades de aprendizagem agrupa uma variedade desorganizada de conceitos, critérios, teorias, modelos e hipóteses. *“O conceito de dificuldades de aprendizagem (...) é relativo. Depende dos objetivos educacionais visados, do currículo estabelecido, dos níveis exigidos e dos sistemas de avaliação empregados”* (MARCHESI E MARTIN, 1995, p. 12).

O tema dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita enfoca algumas das diversas perspectivas em torno da definição de dificuldades de aprendizagem. No sentido de trazer à luz algumas questões para reflexões que julgamos essenciais quando se definem as causas existentes no processo de aprendizagem que ocorre com problemas no contexto de sala de aula.

Para adentrarmos na discussão teórica sobre esse tema, centralizamos nossa atenção em autores que apresentam uma abordagem do desenvolvimento da

criança, integrando aspectos biológicos, cognitivos, psicomotores e sócio afetivos, quando analisam o fenômeno das chamadas dificuldades de aprendizagem.

Nesse aspecto, os trabalhos de Coll (2000) e colaboradores, de Fonseca (1995) e de autores da área da psicopedagoga tais como, Bossa (2000), Pain e Moojen (1992) que discutem as controvérsias em torno deste conceito de aprendizagem. Estes foram os mais considerados, pois nos possibilitaram fazer uma incursão psicopedagógico sobre o tema, a fim de introduzirmos um conceito a ser utilizado de referencial de análise sobre a aprendizagem de leitura e escrita.

É extremamente importante conhecer como se desenvolve e atua esta capacidade de regular o funcionamento cognitivo, como podem ser avaliadas as possibilidades de cada indivíduo neste contexto, que relação existe com o conhecimento da situação de aprendizagem e das próprias habilidades cognitivas, e que programas são mais úteis para favorecer sua aquisição, nos alunos com atrasos ou problemas de aprendizagem (MARTÍN e MARCHESI, 1995 p. 28).

Conhecendo a forma como o aluno aprende bem como seu potencial, é preciso ver como ele se relaciona com o objeto de aprendizagem; quais suas representações sobre a linguagem escrita. Muitas crianças vão à escola com a representação de que deve ouvir a professora, decodificar o texto e fazer a tarefa solicitada. Neste caso, o professor pode possibilitar ao aluno a tomar consciência da função da linguagem escrita, de que ler implica decodificação e compreensão do material lido e não apenas uma mera decodificação e que toda pessoa lê e escreve por algum motivo e para alguém. Reconhecer a função do objeto de aprendizagem é algo que nem todos os alunos conseguem fazer, daí a importância de tomarem consciência sobre o que aprendem.

Segundo Fonseca (1995), a mais séria das consequências das inúmeras perspectivas sobre as dificuldades de aprendizagem que atribuíam as causas apenas ao aluno a partir da observação de seu comportamento na sala de aula, por não conseguir aprender os conteúdos começa a desenvolver um comportamento inadequado, levando muitas vezes o professor a não saber o que fazer em algumas situações. Desta forma, *a “criança com dificuldades de aprendizagem não apresenta anormalidades neurológicas ou disfunções catastróficas. [...]”* (FONSECA, 1995, p.247), o que leva a crer que ela não deve pertencer ao grupo de alunos com necessidades educacionais especiais. No entanto, muitos deles são considerados

como tal. Sobre a necessidade de se descartar alguns aspectos de disfunção de idade quando nos deparamos com as dificuldades de aprendizagem.

Identifica-se que as dificuldades comportamentais e emocionais, por sua vez, influenciam nos problemas acadêmicos e estes afetam os sentimentos e os comportamentos das crianças. Tais dificuldades podem expressar-se de forma interna ou externa. Segundo os autores, as crianças que apresentam "pobre" desempenho escolar e atribuem isso à incompetência pessoal, sentimentos de vergonha, dúvidas sobre si mesma, auto - estima e distanciamento das demandas da aprendizagem, caracterizando problemas emocionais e comportamentos internalizados. Aquelas que atribuem os problemas acadêmicos à influência externa de pessoas hostis experimentam sentimentos de raiva, distanciamento das demandas acadêmicas, expressando hostilidade em relação aos outros.

Observando o trabalho pedagógico dentro da escola em questão, não podemos deixar de observar que a aprendizagem é um processo e envolve um todo desde a motivação em sala de aula como o bem estar dos alunos e sua interação, suas possibilidades e oportunidades. Com base nessa ideia Marchesi e Martín, (1995); Pain, (1992); e Fonseca (1995) tem demonstrado que para a aprendizagem ocorrer é preciso que estejam presentes certas integridades básicas na criança e na presença de oportunidades adequadas. Para os autores, na análise das dificuldades de aprendizagem é fundamental buscar as verdadeiras causas das mesmas, tanto de natureza endógenas, como esta criança se sente diante de tanta dificuldade, tentando entender o seu interior. Quanto de origem exógena, ou seja, produzido por fatores externos a um objeto, processo ou fenômeno de sua origem externa, as dificuldades de aprendizagem só podem ser entendidas na complexa interação entre os elementos implicados no processo de aprender.

Desta forma, o papel do coordenador pedagógico frente às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita dos alunos, vem ao encontro das ideias destes autores. Entendemos que nesta função o coordenador pedagógico tem que observar e acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, analisando as causas, tentando entender e entrar com as interferências necessárias tanto no apoio ao professor, nas aulas e planejamento, bem como, no acompanhamento aos alunos. Para tanto, não podemos deixar de concordar que os autores mencionados neste texto têm uma ideia parecida com relação a dificuldades de aprendizagem dos alunos e o trabalho desenvolvido pelo coordenador Pedagógico. Isto quando

afirmam que as dificuldades de aprendizagem com causas de natureza endógena podem ser entendidas, em sentido amplo, aquela que a criança apresenta dificuldades em assimilar, ordenar e transferir o conhecimento, esse papel em analisar as situações encontradas com relação a dificuldades é de responsabilidade do coordenador pedagógico.

Estes autores afirmam que diversos estudos sobre o tema dificuldades de aprendizagem, parecem revelar que as dificuldades desses alunos residem na “*falta de capacidade para aprender por si mesmos a informação que não lhes foi dada e que é necessária para resolver um problema [...]*” (MARTIN E MARCHESI, 1995, p.31). Contudo, sob essa ótica de compreender as dificuldades de aprendizagem e para se fazer um levantamento preciso de sua origem, é importante considerar que cada indivíduo possui um ritmo próprio para aprender e de se relacionar com a aprendizagem.

Nesta perspectiva, sabemos que não devemos colocar a capacidade do aluno em dúvida, pois, aquilo que aparece em determinado momento como um problema para aprender, pode não ser, sabendo que a aprendizagem é um processo dependendo de um todo e de todos os envolvidos para que a aprendizagem aconteça e isso é de responsabilidade do coordenador pedagógico, juntamente com sua equipe analisar, refletir e buscar alternativas junto às experiências do dia a dia e aprofundar nos estudos.

Quando tratamos a dificuldade de aprendizagem no nosso dia a dia com nossos alunos, é possível identificar as dificuldades que temos em classificar os fatores que levam a dificuldade de aprendizado, segundo Pain (1992) classifica como dificuldade de aprendizagem qualquer perturbação que altera o curso normal desse processo, independentemente do nível intelectual do sujeito. Nessa perspectiva, leva-se em consideração Pain (1992) a existência de alguns fatores fundamentais a serem considerados para apontar uma criança com um problema de aprendizagem, tais como a integridade anatômica e o funcionamento dos órgãos implicados no processo de aprender.

No entanto, em relação à dificuldade de aprendizagem, nem sempre se da por necessidades especiais, o fenômeno das dificuldades de aprendizagem, pode coexistir aspectos normais e patológicos. Na área da aprendizagem escolar, esses aspectos são muitas vezes confundidos quando se pretende analisar o aluno que apresenta alguma perturbação na sua aprendizagem.

Ao lado de um pequeno grupo de crianças que apresenta Transtorno de Aprendizagem decorrente de imaturidade e/ou disfunção psiconeurológica, existem muitas outras que apresentam baixo rendimento escolar em consequência de diversos fatores isolados ou em interação (MOOJEN, 1997, p. 248).

Neste contexto o coordenador pedagógico deve observar o rendimento destes alunos com acompanhamento na leitura e escrita. A designação genérica mais adequada para crianças que apresentam problemas no contexto da aprendizagem escolar é a dificuldade de aprendizagem. Deste modo, às dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita são reconhecidas como uma das causas mais determinantes do baixo rendimento escolar. Muitas vezes, estas dificuldades são interpretadas como uma deficiência cognitiva da criança que passa a carregar o estigma de incapaz para se alfabetizar, cabe então ao coordenador pedagógico observar e encaminhar as possíveis soluções.

Deste modo, “*em termos filogenéticos ou ontogenéticos, a ação precede a linguagem; a linguagem começa por emergir da ação*” (MOOJEN, 1997, p.275). Sendo a linguagem um componente da ação, ela é construída a partir desta, para depois se libertar do contexto da ação, podendo ser construída simbolicamente.

Nessa perspectiva, algumas convicções com relação à dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita se tornam pressupostos para a elaboração do conceito do processo de aquisição da leitura e escrita, denominado alfabetização.

Assim, Ferreiro (2000), coloca que a representação da linguagem pode ser entendida como um processo histórico que antecede a transcrição, assim o conhecimento é construído por quem aprende a representar a linguagem. A ideia de que a única função da escrita está relacionada com o objetivo do ensino deve ser afastada das representações das crianças sobre a alfabetização. Daí a importância de se ensinar às crianças a função da língua escrita na vida delas e não apenas os códigos de leitura e escrita, quer dizer que, a criança aprende qual é a importância da língua escrita em sua formação, ou seja, por toda a vida, a partir das considerações sobre a alfabetização como processo de aprendizagem da leitura e escrita, este envolve mais do que apenas saber ler e escrever; “*é principalmente construir sentido e significado à aprendizagem*” (GOMES, 2001, p. 24).

O conceito de alfabetização é complexo, visto que, engloba um grande número de conhecimentos, habilidades, técnicas, valores, usos sociais e funções no

qual não basta ao aluno simplesmente saber ler e escrever, mas também que saiba fazer uso dessas complexas habilidades (Soares, 1995).

A respeito da relação da metacognição, esta auxilia na compreensão do como utilizar as estratégias específicas de leitura, que são procedimentos que o sujeito utiliza na construção da linguagem escrita *“porque enquanto lemos e compreendemos tudo está certo, e não percebemos que, além de estarmos lendo, estamos controlando o que vamos compreendendo”* (SOLÉ 1998 p. 41).

Neste sentido, um aluno com dificuldades de aprendizagem demora a perceber que não está dando conta de que não compreendeu o texto plenamente, revelando certa falta de controle no curso deste processo, que envolve processos metacognitivos, Foulin e Mouchon (2000). De alguma maneira, este aluno parece revelar uma necessidade de adquirir a consciência da utilização de estratégias para o bom funcionamento de sua inteligência. Neste ponto que entra a participação indispensável do coordenador pedagógico com as observações e os encaminhamentos, apoiando o professor para que possa entender melhor e controlar os processos cognitivos dos alunos.

Neste caso, o coordenador pedagógico deverá considerar a presença de elementos relacionados com a metacognição quanto às situações de ensino-aprendizagem, fazendo com que o professor coloque em prática processos metacognitivos. Para isto, deve estar atento ao fato de que os conhecimentos sobre os processos cognitivos estão mais ligados ao pensamento abstrato e que devem surgir ao longo do desenvolvimento mental da criança.

É extremamente importante conhecer como se desenvolve e atua esta capacidade de regular o funcionamento cognitivo, como podem ser avaliadas as possibilidades de cada indivíduo neste contexto, que relação existe com o conhecimento da situação de aprendizagem e das próprias habilidades cognitivas, e que programas são mais úteis para favorecer sua aquisição, nos alunos com atrasos ou problemas de aprendizagem (MARTÍN E MARCHESI, 1995, p. 28).

Portanto, o que acontece muitas vezes com alunos com dificuldades de aprendizagem é que, estes abandonam a tarefa que lhes pareceu difícil de resolver, por não sentirem a necessidade de buscar ajuda ou simplesmente permanecem insistindo na mesma, empreendendo esforços cognitivos em vão, sem dar conta do

que realmente necessitam para resolvê-la. Segundo Coll (2000), a própria busca de ajuda representa em si uma estratégia metacognitiva das mais importantes, na medida em que o aluno toma consciência de que é melhor parar de insistir sem êxito numa tarefa e decidir procurar a ajuda de outros ou consultar outras fontes. *“Em geral, na análise das capacidades metacognitivas e de auto regulação, tende-se a tratá-las unicamente como características intrínsecas do aluno, sem levar em conta a dimensão social”* (COLL, 2000, p.101).

Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica. Isto é *“O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as praticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”* (FERREIRO, 1996, p.24).

Desta forma, acredita que estas propostas são fundamentais para a aquisição ao processo de alfabetização. Afirma que *“a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”*. (FERREIRO, 1999, p.47). Deste modo, as crianças são alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, isto quer dizer em desenvolvimento. Assim, *“tradicionalmente, as decisões a respeito da pratica alfabetizadora tem-se centrado na polemica sobre os métodos utilizados. Métodos analíticos contra os métodos sintéticos, fonéticos, contra global”*. (FERREIRO, 2000, p.29). Mais uma vez nos deparamos com a prática pedagógica, bem como, a metodologia aplicada em sala de aula, cabe então ao coordenador pedagógico essa mediação e apoio ao aluno e professor em sua prática.

Sendo assim, a metodologia normalmente utilizada pelos professores parte daquilo que é mais simples, passando para os mais complexos. Para tanto, *“A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polemica entre dois tipos fundamentais; método sintético e método analítico”* (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p.18). Ao coordenador cabe acompanhar o planejamento bem como as atividades desenvolvidas pelo professor, para que possa haver revisões constantes da metodologia aplicada por ele.

Se compreender que qualquer informação tem que ser assimilada, e, portanto, transformada para ser operante, então teríamos que aceitar também que os métodos (como sequência de passos ordenados para chegar a um fim), não oferecem mais do que sugestões, incitações, prática de rituais ou conjunto de proibições. (FERREIRO, 2000, p.30)

O método, segundo Ferreiro (2000), não cria conhecimento, o correto, na concepção desta autora, seria interrogar, *“através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar”*. (FERREIRO, 2000, p.30).

Existem práticas tais como levar a criança a decorar, situações que levam a criança às convicções de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode adquirir da boca destes, deixando, assim, de ser participante da construção. Algumas práticas levam a pensar que aquilo que existe para conhecer já foi estabelecido, como um conjunto de coisas fechadas que não podem se modificar. Há por fim, práticas que leva o sujeito (a criança neste caso) fiquem sem participar do conhecimento, como espectadores ou receptor daquilo que o professor ensina.

Assim, *“nenhuma prática pedagógica é neutra, todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”* (FERREIRA, 2000, p. 31). Nesta perspectiva, a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

A diferença essencial é a seguinte: no caso da codificação, tanto os elementos como as relações já estão predeterminados. No caso da criação de uma representação, nem todos os elementos, nem as relações estão determinados, cabe ao coordenador pedagógico compreender que a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação, para que neste sentido ele possa direcionar o professor em seus encaminhamentos no caso dos dois sistemas envolvidos no início da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem), as dificuldades que as crianças enfrentam nas dificuldades conceituais semelhantes às da construção do sistema e por isso podem-se dizer em ambos os casos, que a criança reinventa esse sistema.

Desta forma o coordenador pedagógico deve encaminhar estudos juntamente com o professor para que ambos possam compreender todo processo do sistema representativo da linguagem de forma melhorar o entendimento do aluno.

Para tanto as dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a metodologia aplicada nas atividades desenvolvidas pelo professor, na metodologia definida no projeto político pedagógico da escola, podendo então, a aprendizagem dos alunos estarem relacionada ao contexto escolar. *“com dois momentos do ciclo gnosiológico em que se ensina e se aprende o conhecimento já existe e o que se trabalha e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente”* (FERREIRO 1993 p. 31). Neste sentido, as metodologias aplicadas em sala de aula, refletem o lugar que é dado à aprendizagem e ainda segundo o pensamento Freireano a educação escolar deve expressar o seu sentimento de transformação da realidade opressora em realidade igualitária.

Desta forma podemos dizer que certas colocações nos levam a entender algumas situações vividas em nosso cotidiano, quando o sujeito é educado para não desenvolver a consciência crítica. Freire (2005).

Para tanto, o coordenador pedagógico em seus encaminhamentos pedagógicos deve priorizar a formação de um cidadão crítico e transformador.

Isto é o conhecimento é algo a ser construído na coletividade, no qual o movimento da ação–reflexão como fundamental, deste modo, o papel do coordenador pedagógico deve proporcionar um direcionamento específico em apoio ao professor em seu planejamento e sua prática, observar e acompanhar o aluno em suas dificuldades. (Freire 2005 p.205).

A partir dos conceitos estabelecidos nos processos de aprendizagem é possível propor uma reflexão do fazer pedagógico, no qual o compromisso do coordenador pedagógico é refletir juntamente com os professores, encontrando uma forma de compreender a dificuldade de aprendizagem, encontrando soluções, interferências pedagógicas e métodos a serem usados.

Na realidade, na medida em que esta modalidade educativa se reduz a um conjunto de métodos e de técnicas com as quais educados e educadores observam a realidade social (quando a observam), simplesmente para descrever, esta educação é tão domesticada como qualquer outra. A educação para libertação não pode ser a que procura libertar os educando das pirraças para lhes oferecer projetores. Pelo contrário, é a que se propõe, como práxis social, contribuir para libertar os seres humanos da opressão que se encontram na realidade objetiva. Por isto mesmo, é uma educação, tão política como aquela que, servindo as elites do poder, se proclama apesar de tudo neutra. Daí que esta educação não possa ser posta em prática, em termos sistemáticos, antes da transformação radical da sociedade. (FREIRE, 1997, p. 118)

Para tanto a postura do coordenador pedagógico é primordial, onde ele é o elo entre o trabalho pedagógico, o professor, o desenvolvimento pedagógico do aluno, levando sempre ambos em uma reflexão e ação. Dentro da perspectiva Freireana há um posicionamento sociológico e antropológico da condição do ser humano participante de um meio e dos pressupostos que envolvem a educação. Ou seja, analisa a problemática dos processos de ensino aprendizagem através do jogo de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais, em suma através de nossa realidade.

Podemos analisar que o cotidiano não está longe dessa educação com interesses não favoráveis aos nossos alunos. O nível de conhecimento não se encontra somente no que o educando conhece, pelo contrário, é preciso superar por incorporação para compreender melhor o conhecimento estruturado, crítico e argumentativo.

Desta forma os autores citados neste texto consideram importantes as relações dialéticas intrínsecas na educação, baseando-se em outra concepção de indivíduo e de conhecimento. Para eles a compreensão de ser humano é de um ser ativo e de relações. Assim, entende que o conhecimento não é "transferido" ou "depositado" pelo outro, ora se em nossos estudos e reflexões, o coordenador pedagógico e os professores envolvidos no processo ensino aprendizagem tem que compreender que o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros.

Identifica-se que Freire (2005), bem como FERREIRA (2000), Moojen (1997) também se importam com estas questões. Portanto afirmam que o professor deve contextualizar seu trabalho com a realidade do educando, o educador partirá do conhecimento do nível comum, sendo os conhecimentos que a criança adquire nas relações sociais e no cotidiano, e superará este nível por incorporação alcançando o nível do *logos*, que é o conhecimento sistematizado. Desta forma defendem que é a necessidade de buscar na prática social de seus educandos os conteúdos ou temas a serem trabalhados.

Entendemos assim que com os parâmetros educacionais que temos é a universalização de conteúdos, as crianças de diferentes regiões estudarão os mesmos conteúdos, como se todos vivessem de uma mesma realidade. De modo intrínseco, na realidade em que vivemos sabemos que isso não acontece. Tanto

Freire (2005) e os autores citados neste texto expõem uma das capacidades do professor que é a de contextualizar o conhecimento. Tornando a construção do conhecimento algo dinâmico e ativo. Em contrapartida o coordenador pedagógico procura trabalhar estas questões com os professores na contextualização dos conteúdos sistematizando.

A teoria de Freire (2005) coloca a ação como condição necessária a uma educação que tem como objetivo a qualidade, a transformação, a mudança. Para nos educadores esta questão de ser compreendida, na medida em que somos agentes transformadores. Desta forma podemos dizer que a ação é sinônima da significação é um ato que embasa o conhecimento crítico. Este conhecimento significativo e “*o ato de conhecer ilumina a ação que é fonte de conhecer*”. (FREIRE *apud* BECKER, 1997, p. 104).

Muitas vezes percebemos que isso acontece na escola onde o coordenador pedagógico procura dialogar com ambas as partes, e esta base é necessário para a educação, o diálogo, que pressupõe trocas entre sujeitos. Através do diálogo, os sujeitos podem pensar juntos e recriar a realidade, desde que este diálogo tenha como fundamento a verdade. “[...] *a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens*”. (FREIRE, 2005, p. 90). Ou seja, a palavra verdadeira possibilita a dialética da ação e reflexão que conseqüentemente viabilizará a conscientização.

Para tanto entendemos que estes processos são essenciais para a educação problematizada, mais uma vez nesta fala percebemos que tanto o coordenador Pedagógico como os professores usam essa prática, porém necessitando muitas vezes de uma autoconfiança no processo.

Assim sendo, o tema dificuldades de aprendizagem é problematizado em inúmeras situações em que se discute o fracasso escolar e tem sido estudado a partir de várias perspectivas, o que fez gerar inúmeros modelos explicativos e diferentes modos de concebê-lo, portanto, foram selecionados materiais relacionados à dificuldade de aprendizagem, na leitura e escrita referente aos cinco alunos participantes desta pesquisa, com o enfoque na dificuldade de aprendizagem na escrita na leitura; e escrita nas séries iniciais no ensino fundamental.

Após a observação do dia a dia destes alunos da Escola Municipal em questão na cidade de Maringá no Paraná e refletindo sobre estes os acontecimentos

foi possível ter uma análise de um todo da escola. Diante dessas observações, os objetivos específicos foram tomados como condição para os instrumentos de coletas dos dados, tais como: O que é dificuldades de aprendizagem? Como acontece a dificuldade de aprendizagem? As causas da dificuldade de aprendizagem? Tais questões norteadoras colaboraram com o objetivo desta pesquisa que é o de verificar o papel da coordenação pedagógica em analisar as dificuldades de aprendizagem dos alunos na aquisição da leitura e a escrita de alguns alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental. Diante do fato de que convivemos ao mesmo tempo com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e com os questionamentos dos professores de como melhorar a própria prática de prevenir o fracasso escolar.

2 OS DADOS COLETADOS, SUAS CATEGORIAS E A ARTICULAÇÃO COM A TEORIA

Durante este estudo procurou-se observar a dificuldade de aprendizagem de cinco alunos matriculados em uma escola da rede Municipal de Ensino do Município de Maringá no Paraná, refletindo sobre o desempenho dos mesmos, os quais apresentaram dificuldade na leitura e escrita, e em reter os conteúdos ensinados, são alunos que não se desenvolvem normalmente não fazem atividades e apresentam uma grande desmotivação.

Referente à leitura e escrita, identifica-se que não somente aqueles alunos que já estão matriculados na escola, porém, os alunos oriundos de outras escolas apresentam as mesmas dificuldades. Neste trabalho além de observar o desempenho destes alunos, o desenvolvimento das atividades individualmente e no coletivo na sala de aula, observar a metodologia aplicada nas atividades desenvolvidas pelo professor e a própria prática, que alguns professores tentam de todas as formas trabalhar a dificuldades dos alunos. Porém alguns professores ainda possuem dificuldades com relação ao desenvolvimento desses alunos, podendo então a aprendizagem dos alunos estarem relacionada à prática docente, aos encaminhamentos realizados pela coordenação Pedagógica e as interferências a serem realizada com os alunos.

Para tanto os sujeitos da pesquisa foram: 04 professores dos alunos, os 05 alunos e 01 coordenador pedagógico, e a coleta de dados foram através das entrevistas semi-estruturadas.

Segundo Fonseca (1995), a mais séria das consequências das inúmeras perspectivas sobre as dificuldades de aprendizagem que atribuíam as causas apenas ao aluno a partir da observação de seu comportamento na sala de aula, por não conseguir aprender os conteúdos começa a desenvolver um comportamento inadequado, levando muitas vezes o professor a não saber o que fazer em algumas situações.

No entanto em relação à dificuldade de aprendizagem, nem sempre a dificuldade desses alunos se dá por necessidades especiais. Desta forma podemos dizer que certas colocações nos leva a entender algumas situações vividas em nosso cotidiano na escola, quando se atribui que o dominador faz do dominado massa de manobra, o sujeito é educado para não desenvolver a consciência crítica, é negado o direito do indivíduo de se humanizar e o direito do pensar autêntico como menciona Freire (2005) a respeito da humanização como algo que é vocação de todos os seres humanos e a desumanização, que está presente na realidade opressora, como uma distorção histórica.

Desta forma Freire busca como ideal a conscientização para o conhecimento da realidade e das relações de poder existente na sociedade. Isto para que o indivíduo possa transformar modificar o que lhe é oferecido como se fosse o máximo que poderíamos ter e muitas vezes ver o dominador como um sujeito generoso, porque sua ideologia já corrompeu e alienou o cidadão.

2.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram caracterizados como aluno 1, aluno 2, aluno 3, aluno 4 e aluno 5 os professores também foram identificados como professor 1, 2, 3 e 4, quanto ao coordenador pedagógico como CP. No Quadro 1 estão apontadas as idades e séries destes alunos. No Quadro 2 estão expressas com um X a participação de cada aluno no que diz respeito à avaliação oral e escrita, a conversa com a equipe pedagógica e com a família. Já o Quadro 3 aponta a formação dos professores atuantes na escola em questão. O Quadro 4 identifica as categorias

apontadas pelos dados durante a entrevista semi-estruturada aplicada aos sujeitos da pesquisa. Para tanto, os dados serão mediados por meio das categorias em diálogo com os autores mencionados neste estudo.

Alunos	Idade	Série
1	10	2º
2	9	2º
3	10	2º
4	10	3º
5	10	3º

QUADRO 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Fonte: A autora.

Alunos	Avaliação escrita/oral	Conversa com direção e coordenação Pedagógica	Conversa com os pais
1	X	X	X
2	X	X	X
3	X	X	X
4	X	X	X
5	X	X	X

QUADRO 2 – Participação pedagógica dos sujeitos da pesquisa

Fonte: A autora

	Nível de formação	Tempo de atuação	Última capacitação	Turno
1	Pedagogia/Mestrado	10 anos	Recente	Tarde
2	Pedagogia/Pós	15 anos	Recente	Tarde
3	Pedagogia/Pós	18 anos	Recente	Manhã
4	Pedagogia/Pós	12 anos	Recente	Tarde

QUADRO 3 - Formação dos professores pesquisados.

Fonte: A autora

1ª Categoria	Formação do coordenador	Pedagogia/Pós-Graduação
2ª Categoria	Realidade escolar	Alguns alunos com dificuldades de aprendizagem, desmotivados.
3ª Categoria	Aprendizagem	Boa no geral, porém necessitando avançar.

QUADRO 4 – Síntese das categorias decorrentes da entrevista.

Fonte: A autora.

2.2 A Formação do Coordenador Pedagógico

Os professores possuem formações específicas na área de atendimento, tendo cursos de formações e aperfeiçoamento durante o ano letivo. Para tanto, segundo os dados apresentados, os coordenadores pedagógicos apesar de terem formação, estarem constantemente em aprendizado expressam preocupação com a aprendizagem do aluno, embora não tendo dificuldades com a teoria, na prática demonstra esta preocupação, neste sentido, a responsabilidade pedagógica de acompanhar e direcionar na busca de alternativas que vem ao encontro das dificuldades encontradas pelo professor em sala de aula.

Durante a entrevista com os professores, os mesmos colocam que existe uma real preocupação em auxiliar estes alunos em suas dificuldades, porém, a formação continuada ofertada ao corpo docente não se apresenta suficiente para transpor didaticamente os conteúdos destinados a estes alunos, isto pode ser visto na transcrição das falas aglutinadas dos professores,

Há preocupação com o desenvolvimento pedagógico desses alunos, **procura-se aprofundar em estudos e formações para poder ajudá-los, porém temos dificuldades em transmitir os conteúdos**, percebendo o impedimento de entender os conteúdos pela falta de assimilar a leitura e a escrita. (PROFESSOR 1, 2, 3 e 4 em 05/05/2014).

Podemos observar que na prática de alguns coordenadores tem revelado que há uma preocupação com as intervenções que ele faz no sentido de qualificar o trabalho dos professores. *“não é possível formar professores reflexivos sem inserir essa intenção no plano de formação e sem mobilizar formadores de professores com as competências adequadas”*.(PERRENOUD, 2002, p. 169)

Sendo assim, acredita-se que a intencionalidade do trabalho do coordenador pedagógico precisa ter como foco a superação de desafios. No entanto, não é possível observar em semelhante proporção a preocupação com a intervenção na prática do coordenador, nem tampouco encontrar um leque considerável de estudos e trabalhos que se voltem às especificidades do trabalho do coordenador pedagógico.

Ives e Garcia (2002) abordam as dificuldades do trabalho da coordenação afirmando que ele herda da antiga supervisão escolar o caráter fiscalizador que cria

resistências aos professores, dificultando o estabelecimento das parcerias necessárias a qualquer discussão que envolva o ensino e a aprendizagem, o que traz repercussões na constituição da identidade do coordenador pedagógico.

Notamos que a compreensão sobre a complexidade da atuação do coordenador pedagógico será possível se este profissional empenhar-se nos estudos sobre o tema, analisando os conceitos e propostas e, sendo capaz de fazer a relação destes conhecimentos com a situação atual que observa no interior das instituições de ensino em que atua.

Percebemos a necessidade de o coordenador compreender sua atuação, entre outros aspectos, superar a deficitária formação inicial de forma a intervir com maior propriedade nas práticas escolares. Pressupõe-se que a formação continuada deste profissional mereça ser investigada uma vez que ela chama para si o foco e a responsabilidade de mediar estes profissionais para desempenho de sua tarefa.

Sendo assim, torna-se importante colocar que à medida que esta modalidade de formação tem sido acessível aos coordenadores pedagógicos e, mais ainda, como ela tem os auxiliado a refletir sobre a sua atuação profissional na perspectiva do que aponta Perrenoud (2003) quando ressalta a necessidade de profissionalização dos que ele denomina formadores de professores.

É importante que, de posse desses conhecimentos o coordenador possa desempenhar o seu papel articulatório propondo estudos e refletindo sobre as possíveis e necessárias mudanças na atuação dos professores que os aproximem cada vez mais da qualidade entendida sob a ótica de Rios (2006). Quer seja como um conjunto de atributos que caracterizam a boa educação.

Torna-se então urgente que cada vez mais trabalhos sejam divulgados com o foco na atuação dos coordenadores pedagógicos, que se baseiem na observação da prática desenvolvida e que projetem soluções fundamentadas teoricamente, para auxiliar no aprimoramento da atuação desses profissionais numa perspectiva de compreensão e de transformação da realidade em que a educação está inserida.

2.3 Realidade Escolar

Tendo em vista esta realidade escolar, o fracasso escolar é ainda um grande desafio, muitas das crianças, ainda apresentam baixo desempenho escolar em razão das suas dificuldades de aprendizagens no início da escolarização. As

dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita são reconhecidas como uma das causas mais determinantes do baixo rendimento escolar. Baseado nas necessidades identificadas, de alunos matriculados no 2^a e 3^a anos desta Escola Municipal pesquisada, estes apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, mesmo após reprova e trabalho diferenciados, tais como acompanhamento pedagógico igual ao de outra que requer necessidades especiais educativas. Levando em consideração o histórico escolar desses alunos, bem como a condições da família e os relatos em conselho de classe, os mesmos foram caracterizados para este estudo.

Foram realizadas entrevistas semi - estruturadas com os professores e os alunos do 2^o e 3^o anos envolvidos neste trabalho, bem como o coordenador pedagógico. O fracasso escolar é ainda um grande desafio para o coordenador pedagógico. Muitas das crianças das escolas públicas e particulares, ainda apresentam baixo desempenho escolar em razão das suas dificuldades de aprendizagens no início da escolarização. As dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita são reconhecidas como uma das causas mais determinantes do baixo rendimento escolar.

Quando deparando com o diagnóstico, em nossos estudos estabelecemos, então, uma análise mais específica sobre a realidade escolar que temos. Contudo, vai além dos limites estreitos de um levantamento de dados e informações referentes à realidade escolar, pois requer também a leitura e interpretação dos fatos à luz da filosofia político-pedagógica definida no marco filosófico. Podemos dizer que o Diagnóstico situa a distância de nosso ponto de partida (a realidade que temos) ao nosso ponto de chegada (a realidade que queremos).

O diagnóstico não é um simples retrato da realidade ou um mero levantamento de dificuldades. Isto é o diagnóstico, *“antes de tudo, um olhar atento à realidade para identificar as necessidades radicais, e/ou o confronto entre a situação que desejamos viver para chegar a essas necessidades”* (VASCOCELLOS, 2000, p. 190).

Desta forma se entendermos, então, que o diagnóstico ultrapassa o mero levantamento de dados e, também que não se trata apenas de fazermos críticas focadas em aspectos negativos ou nas fragilidades da instituição escolar.

Na verdade, o diagnóstico viabiliza também a identificação das potencialidades, dos pontos fortes; aspectos positivos da realidade escolar. Nessa

relação dialética temos a identificação, via diagnóstico, tanto das fragilidades, como das potencialidades. Por tanto no momento da análise da realidade escolar e da construção do Projeto Político Pedagógico – (PPP) é preciso identificar fragilidades e potencialidades da escola.

A definição de objetivos e metas deve resultar da identificação das necessidades e expectativas da comunidade escolar em correlação com a observação dos diferentes aspectos da realidade escolar. O PPP é canal para exercício da autonomia pedagógica visando conferir identidade institucional como fruto da reflexão e ação coletiva, é por isso que na elaboração do PPP é imprescindível à análise das práticas pedagógico-organizacionais da escola, as necessidades da comunidade escolar; bem como faz-se necessário o conhecimento e a devida interpretação da legislação federal e da legislação específica do respectivo sistema de ensino e de suas redes que estabelecem as normas e diretrizes nacionais para a organização escolar.

2.4 Aprendizagem Escolar

Baseando-se nas necessidades identificadas entre os sujeitos da pesquisa, que após observações, não apresentaram distúrbios, porém, continuam com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, na qual requer necessidades especiais educativas. Através da entrevista realizada com os alunos foi possível identificar que o processo de dificuldade não sanada, retira destes sujeitos o direito de compreenderem os conhecimentos sistematizados, como pode ser visto nas falas agrupadas a seguir,

Acho que tenho **dificuldades** de aprendizagem. (ALUNO 1 em 15/05/2014)

As atividades são confusas. (ALUNO 2 em 15/05/2014)

Como não consigo ler **fico sem entender.** (ALUNOS, 3 em 15/05/2014)

Por mais que o professor explique o conteúdo, **não consigo fazer.** (ALUNO 4 em 15/05/2014)

Tenho um desanimo para ficar dentro da sala de aula, mas **quero aprender.** (ALUNO 5 em 15/05/2014)

Entendemos que os problemas de aprendizagem afetam negativamente a vida escolar, familiar, social, causando sofrimento e perda de autoestima. Sofrem

também os pais e todos os envolvidos no processo de aprendizagem, sabemos que este processo possui múltiplas causas, incluindo metodologia de ensino inadequada às necessidades do aluno, fatores de ordem emocional e outros diagnósticos.

Podemos verificar nos dados coletados através da entrevista com os professores e alunos e coordenação pedagógica, onde os envolvidos buscam de todas as formas sanar o problema da dificuldade de aprendizagem desses alunos. Na entrevista com os professores, estes colocam que “ *Há necessidade de buscar uma metodologia que vem ao encontro com as dificuldades desses alunos, na qual deve ter o apoio do coordenador na busca de solucionar o problema.*” (PROFESSORES em 05/05/2014).

Em entrevista com o coordenador pedagógico identifica-se a burocratização da função do coordenador pedagógico, o que reflete diretamente na construção coletiva de metodologias eficazes que possam superar as demandas relacionadas às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos sem necessidades especiais de aprendizagem, como se averigua na seguinte fala da coordenação pedagógica,

Tenho preocupação com relação às dificuldades desses alunos e também a ansiedade dos professores com relação à situação, pois o coordenador em sua função acaba que **acumulando outras funções no dia a dia** e que muitas vezes me disponho a ajudar o professor, mas acabo que ficando a desejar em algumas situações, procuro de certa forma **na medida do possível buscar novos encaminhamentos**, que vem ao encontro das necessidades dos professores e dos alunos envolvidos neste processo. (CP em 19/05/2014)

De acordo com os dados coletados, podemos fazer uma comparação com a teoria estudada, onde o campo das dificuldades de aprendizagem apresenta uma diversidade de concepções teóricas e metodológicas que muitas vezes parecem ser inconciliáveis, mas que poderiam ser entendidas como sobrepostas e complementares, o tema é abrangente porém focamos nos problemas de aprendizagem apresentados dos alunos em questão e o papel do coordenador pedagógico frente às dificuldades de aprendizagem. Segundo Coll (1994) o processo ensino-aprendizagem se dá no domínio da interação interpessoal, pelas formas como o professor oportuniza ao aluno interagir com o objeto do

conhecimento, tendo sempre claro que a aprendizagem é uma atividade interpessoal, articulada pela interação do aluno e do professor, em torno da realização das tarefas escolares.

Para tanto, identificamos que tanto o professor quanto os alunos trazem para a sala de aula sua bagagem de conhecimentos, habilidades, valores e expectativas que de acordo com as relações estabelecidas estas poderão propiciar o desenvolvimento da personalidade do educando. Assim como de sua capacidade de discernimento, senso crítico e responsabilidade individual na construção do seu saber.

Os dados afirmam que os alunos estão fora da sua faixa etária nas séries que estão matriculados, participam da avaliação oral e escrita de acordo com sua dificuldade, tendo o acompanhamento do coordenador pedagógico.

Para que o coordenador pedagógico acompanhe o trabalho docente e desenvolva ações de parceria com demais profissionais é necessário que pense nos desafios atuais que escola enfrenta, *“a complexidade da sociedade e do conhecimento, as recentes reformas educacionais, os problemas e as contradições da escola e da prática escolar, ao lado das mudanças do perfil e das necessidades dos alunos e da formação precária e inadequada dos educadores”* (PLACCO, 2002, p.97). Esses são apenas alguns desafios da escola, e conseqüentemente do trabalho do coordenador, sem falar no espaço de diálogo, *“preparo das aulas, [...] às relações professor-aluno e professor-hierarquia” todos esses fatores estão envolvidos no processo educativo*” (PLACCO, 2002, p.97).

A partir dessas reflexões, entramos em um ponto fundamental para o fortalecimento da educação, como está a formação dos profissionais da educação? E a formação do coordenador pedagógico? Isso nos conduz a pensar que os futuros coordenadores têm muitas dificuldades, principalmente em como lidar com conflitos. Além do mais, não participam ativamente da escola, nem alunos, nem pais de alunos.

Sabe-se que o trabalho do coordenador pedagógico é complexo no ambiente escolar. Neste sentido, esta pesquisa levou em consideração no seu processo às questões da prática cotidiana, o desafio do coordenador pedagógico frente à dificuldade de aprendizagem, visando entender as práticas docentes no trabalho em sala de aula para o atendimento desses alunos com dificuldades de

aprendizagem. Bem como desenvolvimento do aluno, as ações e relações construídas no dia a dia, das experiências escolares.

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Quando o conteúdo escolar a ser aprendido não consegue ligar-se a algo já conhecido, ocorre a aprendizagem mecânica, ou seja, quando as novas informações são aprendidas sem interagir com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Assim, a pessoa decora fórmulas, leis, mas esquece após a avaliação. É com essa diversidade que o Coordenador Pedagógico se defronta e tem que trabalhar. Já com os pais o grande desafio é criar canais de comunicação e convencê-los de que devem participar do processo educacional de seus filhos, em parceria com a escola.

Há ainda as pressões de instâncias superiores, e a carga de trabalho burocrático, que ocupa quase todo o tempo do coordenador pedagógico que deveria ser dedicado às funções pedagógicas.

Desta forma a investigação, por meio do uso da abordagem etnográfica, isto é a prática pedagógica da escola focalizando especialmente o trabalho cotidiano docente e a pesquisa realizada com os alunos com dificuldade de aprendizagem. Assim como, com o coordenador pedagógico envolvidos neste estudo, possibilitaram averiguar as interligações estabelecidas no processo de aprendizagem dos alunos em questão. O qual não se define somente na sala de aula, juntamente com o professor, mas, sofre interferência dos aspectos pedagógicos adotados pela escola pesquisada, assim como de outras instâncias sociais a qual está vinculada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste estudo foi refletir sobre o papel do coordenador pedagógico frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos durante a alfabetização escolar. Identificou-se que o ensino da leitura e escrita vem sofrendo um baixo rendimento escolar nas primeiras séries do ensino fundamental, tendo em

vista a importância do trabalho pedagógico, baseando na observação e análise profunda de uma situação concreta, no sentido de se detectar interrupções no processo ensino aprendizagem.

Desta forma foi possível refletir os diversos aspectos do processo, analisando o dia a dia dos alunos, bem como a metodologia aplicada pelos professores e o envolvimento do coordenador pedagógico nesta tarefa. Portanto, se confirma por meio das falas dos sujeitos a **hipótese** levantada, sobre a descaracterização da sua função do coordenador pedagógico, a qual reflete diretamente nas possibilidades de encaminhamentos pedagógicos.

Embora a dificuldade de aprendizagem possa estar ligada a diversos fatores, procuramos focar em fatores tanto internos, quanto externos da vivência do aluno, ou seja, sustentado pelo meio familiar, escolar e social em que esta inserida.

Desta forma o trabalho do coordenador pedagógico é de suma importância na mediação das questões pedagógicas e as possíveis interferências nos planejamentos e nas atividades desenvolvidas na sala de aula. Confirmando assim a hipótese levantada de que a partir das definições do papel do coordenador pedagógico diante do fazer pedagógico é possível uma relevante mudança e tomada de consciência das implicações referentes às dificuldades de aprendizagem dos alunos.

No sentido de trazer à luz algumas questões para reflexões que julgamos essenciais quando se definem as causas existentes no processo de aprendizagem. Portanto, o coordenador pedagógico é visto como um membro gestor na escola e cabe a ele juntamente com a direção consolidar a tão esperada gestão democrática; dar assistência aos professores, dando apoio, analisando e assessorando seu trabalho em sala de aula; interpretar os anseios e necessidades do ambiente escolar; estimular os professores buscando promover em parceria com as secretarias responsáveis cursos de formação; pesquisar meios que favoreçam a melhoria das relações humanas de todos os participantes do processo educativo; entre outras tarefas.

Mas tudo isso só é possível se houver comunicação, diálogo, participação e respeito pelas ideias dos colegas dentro da escola. De um modo geral, o trabalho do coordenador pedagógico dentro de uma instituição educativa dispõe muito do fortalecimento das relações interpessoais. Na escola o coordenador pedagógico irá encontrar impasses, resistências, conflitos, contradições, diferenças, no entanto,

para desempenhar seu trabalho frente à realidade escolar, precisa a partir da participação de todos, disponibilizando equidade e respeito, para assim construir um ambiente de diálogo, de comunicação, de reflexão e de intervenção do processo educativo.

Dentre tantas atribuições do coordenador pedagógico uma das mais relevantes é mediar o trabalho docente, buscando alternativas para a solução dos problemas juntamente com a equipe pedagógica e professores. Pensar a partir do seu real papel na ação pedagógica relacionadas aos desafios da escola e da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina L. **O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ALVES, Nilda. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, 1991.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Emília; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 43ª edição, 2005.

MARTÍN, E. e MARCHESI, A.. **Desenvolvimento Metacognitivos e problemas de aprendizagem** In: COLL, C.et alli. **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Necessidades Educativas Especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MOOJEN, S. **Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem** In: RUBINSTEIN, E. (org.). *Psicopedagogia – uma prática, diferentes estilos.* São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

PAIN, Sara. 1992. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

PIAGET 1988. -. **Sobre a Pedagogia: textos inéditos.** São Paulo: Casa do Psicólogo

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva: chave da profissionalização do ofício. In: **A prática reflexiva do ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PLACCO, Vera Maria Nigro de S. **Formação de professores: o espaço de atuação do coordenador pedagógico-educacional.** In: FERREIRA, Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. **Para onde vão à orientação e a supervisão educacional?** Campinas: Papirus, 2002.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed. 1998.